

A LINGUAGEM DA CRIANÇA NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

Moniki Aguiar Mozzer Denucci (UENF)

moniki_denucci@hotmail.com

Elizabeth Matilda Oliveira Williams (UENF)

fgabethwilliams@hotmail.com

Carlos Henrique Medeiros de Souza (UENF)

chmsouza@gmail.com

RESUMO

O estudo do desenvolvimento refere-se aos processos internos de crescimento, em uma coordenação entre o sistema nervoso e o desenvolvimento das funções mentais. Assim, seu estudo resume em compreender a sua subjetividade, a consciência e a apropriação a linguagem, reconhecendo as diversidades da espécie humana, compreendendo a sua condição e singularidade a partir das suas determinações biológicas e das relações sociais, bem como suas manifestações afetivas e comportamentais. O objetivo do presente trabalho foi trazer uma reflexão acerca da linguagem em crianças de 2 a 4 anos de idade no contexto do uso das redes sociais digitais. A pesquisa justificou-se, pois, a infância mostra-se um desafio na medida em que o acesso às redes sociais se torna cada vez mais amplo. Trazer à luz das pesquisas em linguagem faz-se necessário, pois a possibilidade de compartilhar dados, principalmente na infância, tem migrado as crianças para as redes, em um processo que ganha cada vez mais força em diversas sociedades, trazendo características particulares para essa em que o acesso à *Internet* permitiu que fosse possível consumir qualquer tipo de conteúdo, entre eles, os mais diferentes vídeos disponíveis em várias plataformas. A metodologia tratou-se de uma revisão bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, embasada nas referências de autores renomados nas bases Scielo, Google Acadêmico e Scopus.

Palavra-chave:

Criança. Linguagem. Redes Sociais Digitais

ABSTRACT

The study of development refers to the internal processes of growth, in coordination between the nervous system and the development of mental functions. Thus, its study boils down to understanding its subjectivity, awareness and appropriation of language, recognizing the diversity of the human species, understanding its condition and uniqueness from its biological determinations and social relations, as well as its affective and behavioral manifestations. The objective of the present work was to bring a reflection about the language in children from 2 to 4 years old in the context of the use of digital social networks. The research was justified because childhood is a challenge as access to social networks becomes increasingly broad. Bringing language research to light is necessary, as the possibility of sharing data, especially in childhood, has migrated children to networks, in a process that is gaining more and more strength in different societies, bringing particular characteristics to the one in which access to the Internet

made it possible to consume any type of content, including the most different videos available on various platforms. The methodology was an exploratory bibliographical review, with a qualitative approach, based on the references of renowned authors in the Scielo, Google Scholar and Scopus databases.

Keywords:

Child. Language. Digital Social Networks

1. Introdução

Com o advento da TV, instituições que historicamente estiveram ligadas à construção da subjetividade infantil e aos processos de socialização, como a família e a escola, passaram a possuir uma gama de informações que intensificou e modificou a individualização. Esse processo se tornou mais abrangente com a expansão e o crescimento das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs), a mobilidade e a conectividade, tornando complexo ignorar a importância da internet no cotidiano (Cf. OTHON, 2020).

Com a globalização, as pessoas entram em contato com o mundo mediado pelas TDIC, cada vez mais cedo. Nessa perspectiva, as crianças nascem imersas a uma cultura em que não se vive sem tecnologia. As redes sociais se caracterizam frente à possibilidade que elas propiciam de interação. Desse modo, as RSD podem beneficiar seus usuários se promoverem, por exemplo, acesso às informações de saúde, apoio emocional, autoexpressão, autoconhecimento, ensino de conteúdos acadêmicos, como cursos, eventos etc. (Cf. LEMOS; SANTAELLA, 2010).

Em uma sociedade complexa, cada indivíduo viverá uma série de experiências que não têm sentido, senão, dentro de um contexto global em que o indivíduo participará da multiplicidade de tribos, às quais se situam uma com relação às outras. Assim, uma rede social seria uma estrutura social composta por pessoas, organizações, conectadas por relações e que compartilham valores e objetivos comuns, incorporando conceitos utilizados tradicionalmente pela sociedade (Cf. MAFFESOLI, 2006).

Assim, indivíduos que crescem em um ecossistema midiático, em que é possível conectar-se a qualquer hora e em qualquer lugar, constituem-se como sujeitos sociais em um contexto no qual a tecnicidade é institucionalizada. É esse, portanto, o tipo de comunicação que permeará seus relacionamentos, suas produções culturais e identidades, diante da tecnicidade enquanto dimensão simbólica da construção do coletivo, o que coloca o consumo midiático como fator-chave na socialização (Cf. OTHON,

2020).

O lugar de visibilidade ocupado hoje pelas crianças na família, na escola, como agentes culturais, sociais e econômicos, foi por muitos séculos limitado. Na sociedade, o que se configura hoje é a infância observada de forma mais diversificada por meio da multiplicidade de canais e produções. Além disso, o consumo de mídias por crianças vem se tornando cada vez mais frequente, não somente dentro de casa, em espaços privados, mas nos públicos. Seus usos e apropriações passaram a ser naturalizados, banalizados, parte do contexto diário das famílias, compondo suas próprias individualidades (Cf. MCLUHAN, 2007).

É possível de acordo com Recuero (2009), encontrar exemplos de relações interpessoais semelhantes aos conceitos definidos por “comunidade”, porém, com o advento da Internet, a localidade espacial se tornou virtual. “O início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 135).

As pessoas que compõem redes e afinidades no ambiente virtual formam as redes informais e afinidades, caracterizando a sociedade em rede. Essa sociedade contemporânea vive uma revolução informacional tecnológica, integrando o mundo em redes globais de comunicação mediada por computadores, smartphones, tablets etc. Essas tecnologias de informação e comunicação encontram-se incorporadas no cotidiano, por meio da internet, o que permite que os processos comunicacionais e de circulação informacionais aconteçam tanto em escala local, quanto global em um modo simultâneo, acelerado e instantâneo, formando novos padrões de interação social, comunicação e consumo (Cf. DIAS, 2015).

É de grande importância considerar que a linguagem é o principal recurso de interação social. O desenvolvimento da linguagem de forma típica, dentro dos marcos preconizados, depende de uma diversidade de variáveis, como integridade anatomofisiológica, maturação do sistema nervoso central, aspectos emocionais e sociais, entre outros, e apresentará um desenvolvimento gradual, respeitando, assim, suas etapas de maturação que, embora não possam ser tomadas como regras no desenvolvimento de todas as crianças, servem como parâmetros (Cf. GÓMEZ; TERÁN, 2014; MARTINS, 2021).

Pensando nestes aspectos, principalmente no que tange à criança em fase de desenvolvimento da linguagem, em que suas interações são importantes para a construção de suas habilidades linguísticas e vislumbrando esse acesso enquanto parte de seu contexto diário, o presente

trabalho possuiu enquanto objetivo, trazer reflexões acerca da linguagem em crianças de 2 a 4 anos de idade no contexto do uso das redes sociais digitais. A pesquisa justificou-se, pois, a infância mostra-se um desafio na medida em que o acesso às redes sociais se torna cada vez mais amplo. Trazer à luz das pesquisas em linguagem faz-se necessário, pois a possibilidade de compartilhar dados, principalmente na infância, tem migrado as crianças para as redes, em um processo que ganha cada vez mais força em diversas sociedades, trazendo características particulares para essa em que o acesso à Internet permitiu que fosse possível consumir qualquer tipo de conteúdo, entre eles, os mais diferentes vídeos disponíveis em várias plataformas.

A metodologia tratou-se de uma revisão bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, embasada nas referências de autores renomados nas bases Scielo, Google Acadêmico e Scopus.

2. *Linguagem e desenvolvimento típico de 2 a 4 anos*

Piaget (1970), inovou ao trazer para os estudos da linguagem da criança, o pensamento representativo (rudimentar). Ele tem início com a capacidade de evocar objetos e eventos ausentes. Além disso, essa nova aquisição, de ordem representativa, promove transformações que ampliam conhecimentos advindos da inteligência prática, o que permite elaborar operações mentais complexas que os atos, por sua limitação temporal, não alcançam.

Um importante fator para o desenvolvimento e aprendizagem é a linguagem. A língua é uma base linguística indispensável para que as habilidades de leitura e escrita se estabeleçam. A linguagem, por sua vez, está inserida em todo o contexto de mundo e faz parte da vida de toda criança. Ao falar de linguagem, é necessário citar Jean Piaget. Suas obras contribuíram para diversas publicações sobre o entendimento das especificidades da linguagem infantil. Para o teórico, entre 2 e 7 anos de idade, o grande avanço é o aparecimento da função semiótica, representacional, simbólica, que tem a função de liberar a criança do estágio anterior, o sensorio-motor, em que a inteligência era exclusivamente prática. Isso fará com que a criança tenha a possibilidade de se representar para si mesma, além de pensar os objetos mesmo que estejam afastadas do espaço que contém o objeto e a pensar fatos do passado ou futuro (Cf. PIAGET, 1970).

Assim, o conhecimento, de acordo com Piaget (1970), se produzirá

a partir da ação do sujeito sobre o meio em que vive, constituindo-se com uma estruturação da experiência que lhe permite atribuir significação, resultado da possibilidade de assimilação, em que conhecer significa inserir o objeto num sistema de relações, a partir de ações executadas sobre esse objeto e o conhecimento seria fruto de trocas entre organismo e meio, responsáveis pela construção da capacidade de conhecer, a fim de produzir estruturas e arranjos mentais que, mesmo sendo orgânicas, não estariam programadas em um genoma; seriam resultados das solicitações do meio ao organismo.

A Perspectiva Cognitivacentra-se nos processos de pensamento e no comportamento, dando ênfase aos processos cognitivos. Nessa abordagem, eles são essenciais para o desenvolvimento, pois abrangem as teorias mecanicistas e organicistas, incluindo os estágios de Piaget e o socio-interacionismo de Vygotsky. Para Piaget (1970), o desenvolvimento cognitivo ocorre através de constantes adaptações. Cada adaptação possui dois componentes indissociáveis e complementares: a assimilação e a acomodação. Portanto, as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento do indivíduo não são determinadas por fatores congênitos. Já para Vygotsky (2003), todas as atividades cognitivas básicas do indivíduo ocorrem de acordo com sua história social e se constituem no produto do desenvolvimento histórico-social de sua comunidade.

Os estudos de Piaget (1970) e Vygotsky (2003), se direcionam para a perspectiva individual e social, respectivamente. Piaget, em sua teoria, privilegia a maturação biológica; Vygotsky, o ambiente social. Enquanto o primeiro aceita que os fatores internos preponderam sobre os externos, pois os desenvolvimentos seguem uma sequência fixa e universal de estágios, o segundo influi que, se o ambiente social onde a criança nasce for modificado, a criança também se modificará.

Zorzi e Hage (2010) corroboram que a linguagem é a principal forma de expressão, pois permite a relação entre as pessoas. Por isso, deve ser estudada também sob a ótica do seu caráter social e dialógico, ou seja, na habilidade de usá-la. Consequentemente, a história da sociedade na qual a criança se desenvolve e a história pessoal dessa criança vão determinar sua forma de pensar. Nesse processo de desenvolvimento cognitivo, a linguagem tem papel crucial na determinação de como a criança vai aprender a pensar, uma vez que formas avançadas de pensamento são transmitidas à criança por meio de palavras. Assim, a linguagem tem um papel essencial na formação do pensamento e do caráter do indivíduo.

O processo de aquisição da linguagem faz parte desse constructo sendo um processo importante na vida do ser humano, uma capacidade especificamente humana e que permeia a sociedade e modifica contextos. O mundo globalizado trouxe para a infância novos contextos e experiências configuradas a partir do local e do global, sendo as tecnologias fatores que permitiram para que as unidades sociais interajam em qualquer lugar e as redes não são construções específicas das sociedades do século XXI e se constituem em um modelo de vida e de todos os tipos de vida, sendo fundamental para a sociedade (Cf. BUCHANAN, 2002).

O estudo do desenvolvimento refere-se aos processos internos de crescimento, em uma coordenação entre o sistema nervoso e o desenvolvimento das funções mentais. Dessa forma, ao estudar o desenvolvimento, busca-se a compreensão da subjetividade, da consciência e da apropriação da linguagem, o que permite que possamos reconhecer as diversidades da espécie humana e, assim, compreender a sua condição, ressaltando a singularidade do sujeito a partir das suas determinações biológicas e das relações sociais bem como suas manifestações afetivas e comportamentais (Cf. D'ÁVILA; VIANNA, 2008).

O vocabulário infantil é mediado pelos pais, em um intercâmbio que tende a moldar as falas e os comportamentos verbais das crianças. A partir dos 2 anos de idade, dentro dos marcos universais do desenvolvimento da linguagem, a criança já realiza enunciados de uma só palavra e que podem significar sequências inteiras (ex.: bola – apontando para a bola significando que ela quer brincar). Somente assim surgem as primeiras combinações de palavras e a aquisição dos subsistemas sintático e morfológico da língua. Entre 2 e 4 anos de idade, surgem o período das sequências simples e, aos 4 anos, inicia-se o período de sentenças complexas, atingindo a língua-alvo (PAPOUSEK, 2007).

Quando se trata de aquisição dos sons da fala, a criança os adquire de forma aleatória, dos mais fáceis para os mais difíceis e nos primeiros anos de vida e esses sons são primordiais para todo o desenvolvimento posterior dela, o que contribuirá para uma saudável evolução psicológica, física e social (MOUSINHO *et al.*, 2008).

A linguagem pode ser descrita enquanto um comportamento regradado por seus aspectos pragmáticos, morfossintáticos, semânticos e fonológicos (Cf. MARTINS, 2013). Dessa forma, a criança começa a usar a linguagem ao criar conceitos mentais de tudo o que é aprendido, isto é, ao apresentar um objeto, quando solicitado que ela o pegue, ela saberá que o

termo utilizado se refere ao objeto graças as suas experiências prévias (Cf. BARBOSA, 2013).

O desenvolvimento gradual do indivíduo deve respeitar uma hierarquia na aprendizagem das funções e a aquisição da linguagem de forma típica dependerá de um aparato neurobiológico e social, ou seja, de que haja um bom desenvolvimento de todas as estruturas cerebrais, de um parto sem intercorrências e da interação social desde sua concepção. Nesse sentido, é relevante afirmar que a linguagem apresenta um desenvolvimento gradual e que deverá respeitar suas etapas de maturação. Essas etapas, embora não possam ser tomadas como regra no desenvolvimento de todas as crianças, podem servir como indícios e parâmetros no que diz respeito à evolução da comunicação durante a infância (Cf. TOMASELLO; CARPENTER; LISZKOWSKI, 2007; PENNINGTON; BISHOP, 2009 *apud* MARTINS, 2013).

Entre os 2 e 4 anos de idade, a linguagem infantil é considerada pré-conceitual, uma fase em que a criança desenvolve habilidades linguísticas e a capacidade de construção de símbolos. Nessa fase ela começará a fazer distinção entre significantes (representação objetiva) e significados (fato ausente à percepção ao qual a imagem se refere). A partir dos 2 anos de idade, a linguagem tem a comunicação como seu objetivo primordial e, embora seja um momento caracterizado como egocêntrico, a criança está sempre falando de si mesma, em um monólogo espontâneo que tende a diminuir, gradualmente, ao longo do tempo (Cf. LORDELLO; CARVALHO, 2020).

Portanto, de acordo com Williams (2021), é possível definir marcos do desenvolvimento da linguagem como habilidades ou competências que abrangem as mais diversas áreas do desenvolvimento infantil e são observadas na maior parte das crianças, das mais variadas idades. Esses indicadores são de grande importância para todos aqueles que acompanham o desenvolvimento infantil, uma vez que podem fornecer parâmetros confiáveis a respeito de aspectos qualitativos e quantitativos esperados nas diferentes etapas do seu processo de crescimento.

É relevante pensar o desenvolvimento em marcos relativos ao desenvolvimento neuromotor, comunicativo, linguístico, social, emocional, intelectual e físico, entre outros. Ao utilizar como parâmetros esses indicadores universais do desenvolvimento infantil, é possível falar em desenvolvimento típico, ou seja, que está de acordo com o esperado, e atípico, que significa um padrão diferenciado de evolução em face do que é

predominantemente observado (Cf. WILLIAMS, 2021).

A experiência desempenha um papel primordial na formação das sinapses. A primeira infância é o momento em que muitas conexões neurais se formam, inclusive naqueles importantes para a aquisição da linguagem e da fala. O ato de aprender a falar permite que possamos desempenhar uma série de papéis. Assumir condutas e a linguagem é um meio da expressão humana, um sinal do despertar intelectual da criança, da imaginação, do senso de observação e de maturidade (Cf. DENUCCI, 2021).

Nesse sentido, a linguagem é a base para a aprendizagem da fala, sendo primordial para o desenvolvimento e a aprendizagem. Quando os estímulos são realizados de uma forma negativa, isso afeta a língua oral, que se desenvolve justamente no fluxo das interlocuções em que a criança é estimulada a entrar em contato com essa linguagem, pois passa a ser influenciada a exercer a função da fala. Por ser a primeira forma de socialização, quando em atraso, a linguagem pode fazer com que a criança apresente dificuldades nas suas várias dimensões, como a fonológica, morfológica, semântica e pragmática. Inicialmente ela desenvolve as palavras faladas (nível fonológico e morfológico) para depois atribuir significado a elas (nível semântico) (Cf. WILLIAMS, 2021).

Aprender a falar é aprender a desempenhar uma série de papéis no mundo. Como a linguagem é enriquecida pela relação e afirmada pela realização, é dela que emergirão várias funções comunicativas, pois a fala se relaciona com a linguagem, assim como o pensamento se relaciona com o conhecimento.

Entender a infância compreendendo o seu desenvolvimento é fundamental para que se possa intervir no momento adequado. Propor reflexões críticas que perpassam a infância em seus diversos contextos sociais é entender a criança enquanto ser pertencente a sociedade. Ela não está a parte, ela é a sociedade. Essa, assim como a criança em constante mudanças.

3. *Relação entre infância, linguagem e redes sociais digitais*

A sociedade atual, na era da informação em rede, encontra uma produção cultural e fenômenos sociotécnicos que surgiram com a emersão das tecnologias digitais e a popularização do acesso às redes sociais digitais. Esses fenômenos caracterizam e dão forma à cultura contemporânea, como a cibercultura (Cf. MAFFESOLI, 1998).

Lévy (2008), em *Cibercultura*, afirma que as tecnologias digitais surgiram como a infraestrutura do ciberespaço e que, além de serem um novo espaço relativo à comunicação, são de sociabilidade, organização e transação em mercado novo de informação e conhecimento, o que torna o mundo cada vez “menor” e mais acessível, pois as redes rompem com os limites do tempo e espaço ao possibilitar o entrelaçamento mencionado por Maffesoli (2006).

Castells (1999) define redes sociais como um conjunto de “nós” interconectados, que se configuram como estruturas abertas capazes de expandir de forma ilimitada, e passam a integrar os novos “nós” desde que consigam comunicar-se dentro da rede, ou seja, desde que compartilhem os mesmos códigos de comunicação.

Na atualidade, a *Internet* é fruto de uma construção coletiva. A rede é um conjunto de “nós” interconectados. Sua função e significado dependem dos programas da rede e de sua interação com outros “nós” na rede. Todos os “nós” de uma rede são necessários para o desempenho da rede e, quando os “nós” se tornam desnecessários, elas tendem a se reconfigurar, apagando alguns “nós” e acrescentando outros. Assim, os “nós” só existem e funcionam como componentes de redes. A rede é a unidade, um conjunto de “nós” interconectados, o “nó” como o ponto no qual uma curva se entrecorta (Cf. CASTELLS, 2019).

As redes se integram e desintegram, destroem velhos recortes espaciais e criam outros. A comunicação em rede transcende fronteiras e a sociedade em rede é global, baseada em redes globais. Chega a países de todo o planeta, difundindo-se a partir do poder integrado nas redes globais de capital, bens, serviços, comunicação, ciência e tecnologia (Cf. SANTOS, 2015; CASTELLS; CARDOSO, 2005).

As pessoas que compõem redes e afinidades no ambiente virtual formam as redes informais e afinidades, caracterizando a sociedade em rede. Essa sociedade contemporânea vive uma revolução informacional tecnológica, integrando o mundo em redes globais de comunicação mediada por computadores, *smartphones*, *tablets* etc. Essas tecnologias de informação e comunicação encontram-se incorporadas no cotidiano, por meio da *internet*, o que permite que os processos comunicacionais e de circulação informacionais aconteçam tanto em escala local, quanto global em um modo simultâneo, acelerado e instantâneo, formando novos padrões de interação social, comunicação e consumo, passando a influenciar, inclusive o brincar (Cf. DIAS, 2015).

No contexto histórico, o brincar sofreu alterações na sua forma, no conteúdo e na ocupação do tempo das crianças. O brincar só pode ser sentido e percebido à medida que o indivíduo o faça, a partir da sua prática. Ou seja, precisa ser vivido e sentido. Em um viés sócio-histórico, se antigamente as formas assumidas pelas brincadeiras se mantinham bastante estáveis por gerações, o que poderia refletir maior permanência dos hábitos, o contexto atual demanda observação criteriosa e atenciosa para entender o que mudou e o que permanece. Em outro ponto, o dinamismo das tecnologias digitais trouxe uma modernização para as brincadeiras de antigamente. Cada geração de crianças transforma brincadeiras antigas, ao mesmo tempo em que cria as suas específicas, mesclando antigo e novo (Cf. FRIEDMANN *et al.*, 1992).

A infância não se esgota na experiência vivida. Ela é ressignificada na experiência adulta. Desse modo, quando se fala de infância, reporta-se às lembranças do passado. Por isso a importância da construção de experiências para a formação do adulto, que será influenciado pelas vivências e situações a que for exposto. A infância se refere a um “entrelugar”, a um espaço entre dois modos (passado e futuro), um lugar na história socialmente construído e existencialmente renovado (Cf. SARMENTO, 2003).

Por isso é relevante trazer o discurso acerca das subjetividades. Em uma leitura de Miranda (2000), sob a ótica de Foucault e Deleuze (1975), pode-se observar que há uma tradição filosófica do ocidente em promover uma dicotomia entre sujeito e objeto. Assim, pode-se verificar tanto uma supervalorização do sujeito como sua objetivação, característica do empirismo lógico. Nesse sentido, a subjetividade, como “filha” dessa dicotomia, apresenta-se desde a modernidade como universal e interiorizada. Outrossim, Moraes (1992 *apud* MIRANDA, 2000) traz o conceito de subjetividade contido na Enciclopédia de Filosofia Logos:

É a qualidade do que é subjetivo, indicando uma relação essencial ao sujeito. Daí a sua contraposição à objetividade. Trata-se da propriedade constitutiva do fenômeno psíquico do sujeito autoconsciente e pensante, que só pode ser experimentado por ele. Caracteriza, pois, a interioridade da pessoa, o seu caráter de individualidade irredutível a qualquer conceito geral. Por isso se usa também numa acepção concreta para indicar o campo das realidades subjetivas. (MORAIS, 1992 *apud* MIRANDA, 2000, p. 99)

De acordo com Prensky (2001), toda essa subjetividade se faz presente, pois se trata de pessoas em situações sociais diversas e as crianças contemporâneas já nascem habituadas a receber grande volume de informação por um curto período, além de preferir acessar essas informações de forma não linear. Ou seja, são socializados para o processo tecnológico

e vivem em uma sociedade que ainda carrega as impressões de uma época em que a tecnologia não tinha a demanda e a velocidade que têm atualmente.

De acordo com Othon (2020), investigar a infância em interlocução com as mídias mostra-se um desafio na medida em que o campo suscita uma articulação de distintas disciplinas para uma compreensão mais sistêmica do conceito e das práticas e sentidos produzidos por esses jovens. Esse pensamento converge com a pesquisa de Prensky (2001) a partir do momento em que o acesso às redes sociais e ao ciberespaço propiciou uma mudança no comportamento dos consumidores, principalmente do público infantil. De qualquer forma, eles estão prontos para esse processo e isso não pode ser retirado deles, pois nasceram nessa era.

Os níveis de informação e tecnologia transformaram indivíduos comuns em produtores de ideias e conteúdo *on-line*, tanto no contexto expressivo quanto na disseminação e divulgação. Desse modo, a compreensão da infância enquanto estrutura e construção social demarca os espaços de ação das crianças. Também passa a definir as relações geracionais, transformando-se em conformidade com as emergências históricas. Em outro ponto, corroborando com Miranda (2000), traz uma concepção da criança enquanto um sujeito ativo, produtor de culturas específicas advindas de uma fase da vida que se produz e reproduz historicamente: a infância (Cf. MIRANDA, 2000; OTHON, 2020).

As “(...) experiências diárias [dos jovens] são repletas de narrativas, imagens e mercadorias produzidas pelas grandes corporações globalizadas de mídia” (BUCKINGHAM, 2007, p. 7). Trazer à luz das pesquisas em cognição e linguagem o assunto referente a construção da infância e o acesso a vídeos pelas crianças, é conversar o passado e o presente. A história da infância permite afirmar que toda preocupação com a infância é uma coisa recente, presente a partir do século XIX, tanto no Brasil, quanto no mundo, mesmo a infância constituindo-se em um problema social, sendo a partir da idade média que as “idades da vida” começaram a ter importância e, ainda sim somente era reconhecido socialmente os indivíduos a partir da 4ª idade (juventude 21-45 anos) (Cf. DO NASCIMENTO; BRANCHER; DE OLIVEIRA, 2008).

A possibilidade de compartilhar dados na forma de dígitos combinados com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu condições para uma teia de conexões descentralizadas que se tornou a *Internet*. É possível encontrar exemplos de relações interpessoais

semelhantes aos conceitos definidos por “comunidade”, porém, com o advento da Internet, a localidade espacial se tornou virtual. “O início da aldeia global é também o início da desterritorialização dos laços sociais” (RECUERO, 2009, p. 135). Com a difusão da Internet, surgiu uma nova forma de comunicação interativa, caracterizada pela capacidade de enviar muitas mensagens em tempo real ou em tempo escolhido (Cf. CASTELLS, 2019).

Se por um lado a relação das crianças com as diferentes mídias, gradativamente incorporadas ao seu cotidiano, exige chaves explicativas para a compreensão da construção social de infâncias e juventudes contemporâneas, por outro, aponta para a emergência de um sujeito comunicacional caracterizado por uma condição peculiar (Cf. DEGHANI *et al.*, 2016).

Portanto, muitas das culturas infantis circulantes na contemporaneidade demandam uma apreensão que se dê com base em uma perspectiva eminentemente comunicacional, ou seja, que considere que tanto as expressividades infantis quanto as representações sobre a infância respondem a uma realidade social profundamente mediada pela comunicação midiática. A criança se vale dos processos comunicacionais alterados cada vez mais para que consiga argumentos para as suas próximas necessidades. Em cada era, as crianças tiveram seus processos comunicacionais alterados de alguma forma. Portanto, nesse sentido, as marcas buscam se adequar às oportunidades da era tecnológica digital aos diversos estilos e marketing para serem aceitas (Cf. PEREIRA, 2016).

Foi a partir dos anos 2000, com o advento da “geração Z” (ou nativos digitais) – em que as características se encaixam em um aprofundamento daquelas exibidas pelos seus pais (geração Y) –, os comportamentos mentais foram se tornando amplamente modificados pelas tecnologias. Foram criados, assim, novos parâmetros para pensar, decidir e avaliar na mesma velocidade que as mensagens de SMS (serviço de mensagens curtas) e das redes sociais digitais, híbridas e criativas, do típico *do-it-yourself* (faça você mesmo), em compartilhamentos de seus projetos, o que transformaram significativamente o seu contato com as pessoas (Cf. MICHAUX, 2018).

A migração das crianças para as redes é um processo que ganha cada vez mais força em diversas sociedades e traz características particulares para essa nova geração de consumidores. A televisão, desde o início da década de 2010, vem extinguindo os espaços destinados ao público

infantil, em decorrência da Resolução n.º 163 do Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA). Como o documento inviabilizou a veiculação de anúncios em programas infantis televisivos, a publicidade infantil no Brasil passou por uma reestruturação, levando ao RSD a um aumento massivo de programas e personagens dedicados ao público infantil (Cf. LOPES; TENÓRIO, 2020).

O acesso à Internet permitiu que fosse possível consumir qualquer tipo de conteúdo, entre eles, os mais diferentes vídeos disponíveis em várias plataformas. Nesse sentido, pela convergência midiática, mudou-se a forma de consumir conteúdos (Cf. MONTEIRO, 2018). A Internet e o acesso aos vídeos e suas mídias “(...) altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009, p. 43), sendo o “fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia” (JENKINS, 2009, p. 29). A convergência na atualidade não é somente midiática e tecnológica, mas cultural e os dispositivos ajudam na propagação de informações e elementos interculturais (Cf. OROZCO GOMEZ, 1994).

A linguagem é o principal recurso de interação social e seu de forma típica, dentro dos marcos preconizados, depende de uma diversidade de variáveis, como integridade anatomofisiológica, maturação do sistema nervoso central, aspectos emocionais e sociais, entre outros, e apresentará um desenvolvimento gradual, respeitando, assim, suas etapas de maturação que, embora não possam ser tomadas como regras no desenvolvimento de todas as crianças, servem como parâmetros (Cf. GÓMEZ; TERÁN, 2014; MARTINS, 2013). O que para autores como Lytle, Garcia-Sierra e Kuhl (2018), em suas pesquisas destacam enquanto importância social, inclusive, para a aprendizagem das crianças, especialmente para de sons a partir da mídia de telas, podendo levar as crianças a prejuízos significativos no desenvolvimento da linguagem e da fala, entre outras questões comportamentais.

Em uma análise com bebês que estavam expostas a vídeos com pares adultos e sem pares, o padrão neural exibido pelos bebês na condição de exposição pareada foi indicativo de um processamento cerebral mais maduro dos sons com mais vocalizações próximas aos sons da fala. As pesquisadoras demonstraram que essas diferenças surgiram entre os grupos, pois os bebês olharam mais para o próprio cuidador do que os bebês nas sessões sem o adulto (Cf. LYTLE; GARCIA-SIERRA; KUHL, 2017).

Em outra pesquisa, realizada por Paulus *et al.* (2017), foi possível

detectar em exame de imagem que quanto mais as crianças eram expostas a telas, maior eram as ocorrências de perdas de estruturas cerebrais, em áreas inclusive, responsáveis pelas funções cognitivas.

É certo que não devemos desconectar as crianças, mas sim, educá-las e auxiliá-las para o uso consciente e crítico, principalmente das Redes sociais digitais em que elas se tornam mais vulneráveis e desprotegidas. As tecnologias da informação e comunicação (TDICs), quando usadas corretamente podem ajudar a criança em seu desenvolvimento. Mas é preciso que haja mediação e propósito em seu uso, principalmente em concordância com a idade e as habilidades da criança.

4. Considerações finais

Por fim, é necessário observar a infância e promover reflexões quanto ao uso das RSD pelas crianças. As tecnologias devem ser usadas em equilíbrio e respeitando a idade de acesso e tempo de tela de cada criança, assim como com a mediação de um adulto, pois a ausência de um olhar dirigido pode levar a criança a um desamparo nas redes.

A linguagem é um fator preponderante a aprendizagem e pode ser influenciada pelo contexto emocional e comportamental. Por fim, o excesso de informações visuais, as incoerências quanto ao uso e interações pode gerar atraso na linguagem, déficits cognitivos e emocionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Viviane do Rocio. *O papel da consciência morfológica no aperfeiçoamento da linguagem escrita*. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

BUCHANAN, Marcos. *Small World: Uncovering Nature's Hidden Networks*. New York: Weidenfeld and Nicolson, 2002.

BUCKINGHAM, David. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. *O poder da comunicação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

D'ÁVILA, Marcia Mendes; VIANNA, Patricia Maria. *Psicologia do desenvolvimento e da linguagem do deficiente mental*. Rio de Janeiro: Unirio, 2008.

DEHGHANI, Milad *et al.* Evaluating the influence of YouTube advertising for attraction of young customers. *Computers in human behavior*, v. 59, p. 165-72, 2016.

DENUCCI, Moniki Aguiar Mozzer Apresentação. In: WILLIAMS, E.M.O.; DENUCCI, M.A.M. *Marcos do Desenvolvimento da Linguagem de 0 a 6 anos nos aspectos morfológicos, semântico, morfossintático e pragmático*. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2021.

DIAS, Ana Luísa Antunes *A criança nativa digital no contexto de filmes publicitários*. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015. 121f.

DO NASCIMENTO, Claudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; DE OLIVEIRA, Valeska Fortes. A construção social do conceito de infância: algumas interlocuções históricas e sociológicas. *Revista Contexto & Educação*, v. 23, n. 79, p. 47-63, 2008.

FRIEDMANN, Adriana *et al.* A evolução do brincar. In: FRIEDMANN, A. (Org.). *O direito de brincar: a brinquedoteca*. v. 4. São Paulo: Scritta/ABRINQ, 1992. p. 27-35

GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. *Transtornos de Aprendizagem e Autismo*. São Paulo: Cultural, 2014.

HAGE, Simone Rocha de Vasconcellos; PEREIRA, Tatiane Cristina; ZORZI, Jaime Luiz. Protocolo de Observação comportamental-PROC: valores de referência para uma análise quantitativa. *Revista CEFAC*, v. 14, p. 677-90, 2012.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEMOS, Renata; SANTAELLA, Lucia. *Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter*. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierry. *Cibercultura*. Trad. de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2008.

LOPES, Rodrigo; TENÓRIO, Taisa. Endosso Infantil no Youtube: legislações nas fronteiras entre anúncio publicitário e conteúdo orgânico. In: GUEDES, B.; CARVALHO, B. *Infâncias, juventudes e debates*

emergentes em comunicação. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

LORDELLO, Eulina da Rocha; CARVALHO, Ana Maria. Almeida. Educação infantil e psicologia: para que brincar?. *Psicol. cienc. prof.*, v. 23, n. 2, p. 14-21, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 jan. 2020.

LYTLE, Sara; GARCIA-SIERRA, Adriano; KUHL, Patricia. Dois são melhores do que um: o aprendizado de idiomas infantil por vídeo melhora na presença de colegas. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, v. 115, n. 40, p. 9859-66, 2018.

MAFFESOLI, Michel. O retorno das emoções sociais. In: SHULER, F.; SILVA, J.M. da (Orgs). *Metamorfoses da Cultura Contemporânea*. Porto Alegre: Sulmia, 2006.

_____. *Elogio da razão sensível*. Petrópolis: Vozes, 1998.

MARTINS, Aline. *Telessaúde*: ambiente virtual de aprendizagem em aquisição e desenvolvimento da linguagem infantil. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Universidade de São Paulo, Bauru, 2013.

MCLUHAN, Marshall. *Primeira parte. Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MICHAUX, Henri. Espaços de aprendizagem. In: CORTELAZZO, A.L. et al. *Metodologias Ativas e Personalizadas de Aprendizagem*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018

MIRANDA, Antonio. Sociedade da informação: globalização, identidade cultural e conteúdos. *Ciência da Informação*, v. 29, p. 78-88, 2000.

MONTEIRO, Maria Clara. *Sid ou Apropriação por crianças da publicidade em canais de youtubers brasileiros*: a promoção do consumo no YouTube através da publicidade de experiência. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MOUSINHO, Renata et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. *Revista Psicopedagogia*, v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008.

MUSSO, Pierre. *A Filosofia da Rede*. Tramas da Rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação. Porto Alegre-RS: Sulina,

2004.

OROZCO GOMEZ. *Televidencia: perspectivas para el análisis de los procesos de televisión televisiva*. Mexico: Universidad Iberoamericana, 1994.

OTHON, Renatha. *Infância conectada: contextos, práticas e sentidos de crianças nas redes sociais online*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020a

PAPOUŠEK, Mechthild. Comunicação na primeira infância: uma arena de aprendizagem intersubjetiva. *Comportamento e Desenvolvimento Infantil*, v. 30, n. 2, p. 258-66, 2007.

PAULUS, Martin *et al.* Atividade de mídia de tela e estrutura cerebral na juventude: evidências de diversas redes de correlação estrutural do estudo ABCD. *Neuroimagem*, v. 185, p. 140-53, 2019.

PEREIRA, Everaldo. *Ressignificação do Brincar: Reflexões sobre Duas Concepções Contemporâneas de Comunicação Mercadológica para o Público Infantil*. São Paulo: Clube de Autores, 2016.

PIAGET, J. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970.

PRENSKY, Marc. Diversão, brincadeiras e jogos: o que torna os jogos atraentes. *Aprendizagem baseada em jogos digitais*, v. 5, n. 1, p. 5-31, 2001.

RECUERO, Raquel. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. *Metamorfoses jornalísticas*, v. 2, p. 1-269, 2009.

SANTOS, Edméa. A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação. *Em Aberto*, v. 28, n. 94, p. 134-45, 2015.

SARMENTO, Manuel. *A cultura da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Braga: Instituto de estudos da criança, Universidade do Minho, 2003.

SOUZA, Carlos Henrique Medeiros de; CARDOSO, Carla. As redes sociais digitais: um mundo em transformação. *Revista Agenda Social*, v. 5, n. 1, p. 65-78, 2011.

TAPSCOTT, Don. *Wikinomics*. New York: Portfolio, 2008.

TOMASELLO, Michel; CARPENTER, Malinda; LISZKOWSKI, Ulf. A new look at infant pointing. *Child Dev.*, v. 78, n. 3, p. 705-22, 2007.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

VELÁZQUEZ, Alessandra Alcantara. *Brincar de internet: a vivência lúdica infantil em ambiente virtual*. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) – Universidade do Minho, Braga, 2013.

VYGOTSKY, Levy. *Imaginación y creación en la edad infantil*. V. 100. Nuestra América, 2003.

WILLIAMS, Elizabeth Matilda Oliveira. Desenvolvimento da Linguagem. In: _____; DENUCCI, M.A.M. *Marcos do Desenvolvimento da Linguagem de 0 a 6 anos nos aspectos morfológicos, semântico, morfosintático e pragmático*. Campos dos Goytacazes: Encontrografia, 2021.